

MINISTÉRIO DA CULTURA
PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO
SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA E
SOFITEL LUXURY HOTELS
APRESENTAM

Ópera na Tela

Festival de Filmes de Ópera

Material Educativo

FICHA TÉCNICA DA AÇÃO EDUCATIVA

REALIZAÇÃO E PRODUÇÃO

Bonfilm

DIREÇÃO E CURADORIA

Christian Boudier

COORDENAÇÃO GERAL E EDIÇÃO

Vânia Matos

CONSELHEIRO ARTÍSTICO, TEXTOS E COORDENAÇÃO EDUCATIVA

Ricardo Prado

GERENCIAMENTO DO PROJETO

Paula de Oliveira

COORDENAÇÃO ADMINISTRATIVA

Luzimar Valentim

SUPERVISÃO DE COMUNICAÇÃO

Yolanda Maria Barroso

PROGRAMAÇÃO

Vinicius Fantezia

AÇÕES EDUCATIVAS

SESC NACIONAL e MULTIRIO

DESIGN GRÁFICO

Mate Lelo Design

TRADUÇÃO

Cristiana Brindeiro e Fernanda Grether

REVISÃO DE TEXTOS

Inês Mauad

PRODUÇÃO GRÁFICA

Guto Pimenta / Gráfica Stampipa

O Festival Ópera na Tela busca, em sua vocação cultural, ampliar sua atuação e trabalhar em diferentes frentes. Assim, promove um evento de prestígio, com o que há de mais sofisticado em cultura lírica, em atenção a uma demanda crescente do público brasileiro. E, ao mesmo tempo, incentiva a democratização dessa linguagem tão especial de encenação e música por meio de ferramentas digitais de projeção.

A ação educativa promovida graças às parcerias fundamentais da Rede Sesc Nacional e da MultiRio (Empresa Municipal de Mídias) permite, por um lado, ampliar exposições dos títulos de ópera para 130 unidades culturais da rede nacional da Rede Sesc, ancorada por material educativo especialmente elaborado pelo Maestro Ricardo Prado com supervisão pedagógica da equipe da MultiRio. Por outro lado, uma microssérie de seis episódios com conteúdo operístico, realizada pela equipe MultiRio em parceria com o Festival Ópera na Tela, para ser disponibilizada para toda rede municipal de 4.000 unidades escolares da cidade do Rio de Janeiro, com capacitação para educadores trabalharem os materiais e temas de forma transdisciplinar em sala de aula. O conteúdo dessa parceria será disponibilizado nos canais de televisão aberta e fechada, Web Tv e canais do festival.

Dessa forma, O Festival Ópera na Tela acredita contribuir de maneira significativa para a ampliação de repertórios culturais de crianças e jovens brasileiros.

AGRADECIMENTOS DA AÇÃO EDUCATIVA

Ana Cristina LEMOS | Carlos ARTEXES SIMÕES | Cleide RAMOS | Dell'Arte Soluções Culturais | FBL Criação e Produção
Fundação Theatro Municipal do Rio de Janeiro | João Guilherme RIPPER | Marco Aurélio FIALHO | Marinete D'ANGELO
Morgana SILVA REZENDE | Nadia MORENO | Paulo CAMARGO | Pedro Ivo MENDES | Ricardo PRADO | Rozane BRAGA
Sonja FIGUEIREDO | Steffen DAUELSBERG | Sylvia MILLON | Vicente PEREIRA JR | Virgínia PALERMO

Patrocínio Master



40
5

CULTURA
PRESENTE!



SOFITEL
LUXURY HOTELS

Patrocínio



Co-Patrocínio



Apoio Cultural



Aliança Francesa 136
Brasil

Apoio



Realização



Ministério da
Cultura



Ópera - Introdução



Ópera? Por que ópera? Essa é uma pergunta comum quando se quer apresentar esta arte aos jovens. Há muitas respostas, mas podemos começar com outra pergunta: por que não? Os jovens, assim como alguns adultos, poderão estranhar ou mesmo rejeitar a ópera. Entretanto, há muitas razões para que a mocidade goste de ópera: pelo que ela é, e pelo que eles são. Vamos ver!

No final do século XVI, poetas, músicos, gente do teatro e da nobreza se reuniam para criar uma nova arte. Ela deveria colocar a emoção musical a serviço do teatro e da poesia, mas os resultados eram desanimadores. Até que estreia, em 1607, a obra *L'Orfeo*, de Claudio Monteverdi - um sucesso imediato. Como foi que ele conseguiu? Além da beleza da música e da história, Monteverdi conhecia o gosto popular e sabia criar bons espetáculos. E - o que é muito importante - ele fez tudo isso sem criar uma obra "fácil": *L'Orfeo* é sofisticada sem ser complicada.



A primeira ópera

L'Orfeo conta a história de amor entre o grande músico Orfeo e a bela Eurídice, que morre picada por uma cobra. Inconformado, Orfeo decide trazê-la de volta à vida, contando apenas com a beleza de sua música. Ele consegue, mas, contrariando as ordens de Hades, que governa o mundo dos mortos, Orfeo olha para Eurídice, que morre outra vez. Monteverdi sabia que ninguém desejava voltar triste para casa e mudou o final: Apolo desce à terra para reunir Orfeo e Eurídice outra vez e, agora, para sempre. Pronto, todos adoraram.

A arte de recontar histórias

Essa história trágica e apaixonada parece ter tanto a nos dizer que, em 1954, o poeta brasileiro Vinícius de Moraes adaptou-a à realidade brasileira: Eurídice é uma moça que vem do Nordeste para uma favela carioca onde, no Carnaval, se apaixona por Orfeu, um sambista. A peça, *Orfeu da Conceição*, tem música de Tom Jobim. Pronto, outro grande sucesso. Em 1959, o cineasta francês Marcel Camus adaptou a peça para o cinema e o filme *Orfeu Negro* ganhou os prêmios mais importantes do mundo. Em 1999, o cineasta Cacá Diegues criou uma nova versão com música de Caetano Veloso. Mais um sucesso!

Ópera é assim. Trata de coisas que, mesmo muito antigas sempre nos interessam. Como grandes amores, coragem e medo, isto é, nossas lutas por aquilo que amamos. Isso pode ser trágico e violento, ou engraçado e divertido. Tudo com imponência musical, algumas vezes mais «pesada» do que banda de rock. Jovens são curiosos, rebeldes, inconformados e não dispensam boas gargalhadas. Por isso, e por muito mais que ainda há para se descobrir, ópera é para eles!

Ópera – Direção e Produção

A ópera nasceu ambiciosa: teatro, música e poesia reuniram-se para fazer uma arte nova e grandiosa. O teatro contribuiu com a ação e interpretação dos atores, cenários, figurinos, maquiagem, efeitos especiais - que já eram muito valorizados desde o século XVI. A poesia criou uma maneira de narrar a história de forma atraente e clara, capaz de revelar e provocar grandes emoções. E a música trouxe tudo que já havia desenvolvido: orquestras de instrumentos usados em teatros, igrejas e praças, os maiores coros e os melhores cantores. As questões eram muitas: como reunir tudo isso? Por onde começar? Quem comandaria o espetáculo?



Mãos à ópera!

As soluções encontradas se aperfeiçoaram ao longo do tempo, mas são ainda as mesmas. Tudo começa pelos realizadores da ópera - um teatro, como o nosso Teatro Municipal, uma empresa de produção ou os dois juntos. Que ópera encenar? Algumas já existem, outras são encomendadas a compositores e escritores - o primeiro comporá a música, o segundo escreverá o libreto, texto ou argumento que se parece com uma peça de teatro ou o roteiro de um filme. A diferença é que, na ópera, há momentos de ação - os recitativos - e momentos de reflexão, as árias. Recitativos fazem a história avançar e árias são canções em que os personagens dizem o que sentem.

Cada ópera é pensada dentro do planejamento do que se chama uma temporada e que, em geral, se estende por quase um ano. Este programa contempla, ainda, os espetáculos de balé, os de orquestra e coral juntos e separados, além de outras atividades. Ao pensar especificamente a temporada de ópera muitas coisas são consideradas. Deve haver drama e comédia, obras de diversos países e períodos da história para atrair o público.

Escolhida a ópera, será o momento de selecionar o Diretor Artístico, ou Diretor Geral. Esta função necessita de uma pessoa que tenha uma visão ampla da obra e também ser capaz de reunir um grupo de diretores especializados. O Diretor Musical é, em geral, o maestro que vai reger todos os músicos necessários: a orquestra, o coro, e os cantores solistas escolhidos por ele, assim chamados por encenarem os papéis principais da ópera. O diretor musical conta, ainda, com a ajuda importante dos maestros preparadores, que ensaiam com o coro e solistas. Adiante, vamos poder detalhar melhor as funções dos outros diretores e técnicos envolvidos neste grande desafio.

Ao longo de trezentos anos, a ópera reuniu outras artes, tornando-se a mais conhecida de todas elas. Sua popularidade só foi superada no início do século XX pelo cinema. Cantores e cantoras eram suas estrelas, e havia diretores, técnicos e toda uma produção muito parecida com a do cinema atual. Isso nunca significou que a ópera tenha sido deixada de lado - se compararmos, veremos que nos dias de hoje, ela atrai muito mais público do que nunca! Sem disputar com o cinema, ela se combinou com ele, criando uma arte vigorosa, moderna, que tem reunido multidões em todo o mundo: o cinema de ópera. Nele, as óperas são concebidas para o palco dos teatros e para as telas, e o Brasil já tem um grande encontro anual dedicado a esta nova arte: o Festival Ópera na Tela.

Ópera – Personagens, Artistas, Representação, Direção de cena, Figurino e Maquiagem

Ópera é uma arte que se cria coletivamente, em grupo. Imagine uma longa mesa onde reúnem-se pessoas com talentos, formações e experiências diferentes e que devem se complementar para dar soluções e o melhor resultado possível: a ópera. Cada artifice deve se somar a outro, mas sempre considerando o todo. A primeira tarefa é conhecer profundamente a ópera elegida. Ela deve ser estudada por todos, assim como os seus autores, a época em que foi composta, e o que sua ideia central quer transmitir. Essa é a primeira etapa do que se chama interpretação: o que se entende de uma obra e como comunicar essas ideias e sentimentos ao público - afinal, tudo se dirige a ele.

A importância do trabalho em equipe

O Diretor de Cena imagina cada personagem e suas inter-relações. Amor ou indiferença? Ódio ou perdão? Isso corresponderá a uma forma de agir, de movimentar-se, de colocar-se em diversos lugares no palco, de assumir várias atitudes individuais e coletivas. Depois, o diretor ensaia todos os que estarão no palco e como deverão atuar, sem esquecer que irão cantar. Essa concepção teatral da ópera orientará a criação dos outros diretores. O Coreógrafo preparará os bailarinos, quando é o caso, e os movimentos físicos de todos em cena. O Cenógrafo será responsável pelos cenários e elementos de cena, e, em geral, trabalha em conjunto com o iluminador, que dá ao espetáculo as cores e as luzes de cada momento. O Figurinista é o responsável pela concepção das roupas de todo o elenco e tem a colaboração de maquiadores e cabelereiros. Mais recentemente, outras técnicas vêm sendo incorporadas à produção operística, como as projeções de vídeos, grafismos e fotografias, além de efeitos especiais cada vez mais sofisticados.

Todas estas concepções passam, depois, pelo trabalho minucioso de técnicos e operários que consolidarão todas essas ideias. Cenotécnicos constroem os cenários e as estruturas de palco; costureiros, peruqueiros, aderecistas, eletricitistas, marceneiros, contrarregas - um exército de profissionais muito especializados darão vida ao que, até então, eram palavras, desenhos, cálculos.

Enquanto isso, uma outra parte daquela concepção inicial vai ganhando vida. A personalidade, a maneira de ser, de cada personagem precisa ser trabalhada musicalmente. Para isso, os ensaios são acompanhados pelos diretores em conjunto de modo a desenvolver uma expressão coerente, atraente e que cativa a atenção e o interesse da plateia.



Ópera – Encenação, Junção dos elementos e Construção da cena

O trabalho começa na imaginação, segue para o papel, para o computador, se reúne numa mesa, se constrói em salas de ensaio, se concretiza em ateliês e oficinas. Todos estes elementos, todas as peças deste imenso quebra-cabeças precisam, agora, ser reunidas. Na etapa de consolidação tudo precisa ganhar forma, a cada momento e na sequência da história narrada, em cada cantor e no que é o mais importante para a ópera: o seu conjunto.

Os artistas passam das salas de ensaio para o grande palco do teatro onde o espetáculo irá acontecer. O Diretor de Cena faz as marcações no espaço real, o Iluminador faz os primeiros testes de luz, a cenografia vai sendo montada. Agora, a orquestra ocupa um novo lugar: o fosso, um espaço mais baixo que o palco, de onde só o maestro vê o que está acontecendo no palco, e de onde vem a música quase como mágica. A todo momento, as coisas se interrompem para fazer correções, ajustes, até algumas mudanças do plano inicial. Não é raro que aconteça uma sensação estranha e incômoda de que nada vai dar certo..., mas o trabalho não para.

Fábrica de espetáculos e magia

Atrás, abaixo e acima do palco de um teatro de ópera existe uma gigantesca estrutura que o público não vê. Em geral, ela é maior e mais complexa do que em qualquer outro teatro. Todo o palco, e até o fosso da orquestra, está montado sobre poderosos elevadores que podem – silenciosamente – movimentar qualquer das suas partes acima ou abaixo do seu nível padrão. No alto, há motores e guindastes capazes de levantar estruturas, cantores e bailarinos. Lá, também estão as varas, todas elas móveis, que sustentam a iluminação e, quase tudo está interligado por passarelas por onde os técnicos operam diversos mecanismos – uma infinidade de equipamentos que podem produzir fumaça, vento, efeitos sonoros de tempestades, trovões, explosões, sons de animais e o que mais a imaginação dos diretores exigir.

Quando tudo se reúne, uma outra equipe já está a postos para atender às muitas exigências da maior e mais importante parte de um teatro de ópera: a plateia. Todas aquelas pessoas, toda a estrutura, tudo o que envolve a realização de uma ópera está dedicado a alguém sagrado: o público. A ópera foi tratada como informação por uma equipe de escritores, desenhistas, fotógrafos, comunicadores para que o público seja informado pela imprensa, por programas, por sites na internet, do que, quando e onde vai acontecer. As pessoas interessadas compram seus ingressos nas bilheteiras, se arrumam e vão ao teatro onde são recebidas por uma equipe de recepcionistas que as orienta até seus lugares no teatro. A brigada de incêndio está a postos, os sinais avisam que vai ter início o espetáculo. As luzes se apagam devagar, o público faz silêncio, a orquestra está em seu lugar, a cortina se abre: a ópera vai começar.

Ópera – Realização e Magia



De algum tempo para cá, as óperas passaram a ser gravadas e transformadas em filmes ou, em alguns teatros, têm sido transmitidas simultaneamente para salas de cinema ao redor do mundo. Nestes casos, há outras equipes e equipamentos envolvidos que trabalham desde o início do processo, desde aquele momento em que um teatro ou um produtor resolveu realizar uma ópera. Produtores e diretores de cinema e televisão estarão presentes, então, desde o início.

Novas mídias, novos públicos

Quando é assim, todas as etapas são planejadas e desenvolvidas para que a produção da ópera funcione bem tanto no palco do teatro quanto na tela do cinema ou da televisão. A expressão e movimentação dos cantores, a circulação no palco, cenários, figurinos e, principalmente, a iluminação, tudo será diferente para atender às exigências deste novo e imenso público que estará assistindo em um cinema, na sala de sua casa, na tela de um computador, de um tablet ou de um telefone celular. As câmeras e microfones deverão ser posicionados de forma a não atrapalhar o público presente.

Em geral, uma ópera começa com a orquestra tocando, sozinha, um trecho que se chama Abertura. Ela prepara o público para as emoções que virão, algumas vezes, antecipando os temas musicais dos personagens ou já mostrando as primeiras cenas. O coro, os cantores, os bailarinos e figurantes vão se apresentando em sequências, que são únicas a cada ópera, que contam a história do que está acontecendo. As vozes são diferentes de praticamente todas as outras formas de cantar. Elas vibram intensamente e podem parecer muito incomum a quem não está acostumado a elas. Mas é importante entender o porquê dessa maneira de cantar. Cantores de ópera passam por uma longa e sofisticada educação vocal para desenvolver vozes potentes e resistentes, capazes de cantar músicas que os compositores vão usar ao limite. O desafio deles, agora, será cantar em um teatro imenso, lotado de pessoas, simultaneamente a uma grande e poderosa orquestra – e sem o auxílio de qualquer microfone ou de equipamentos que amplifiquem suas vozes.

Mas quando tudo acontece, não é mais a máquina, a luz, a roupa, o gesto. Tudo o que a ópera reúne torna-se, como por encanto, um espetáculo mágico onde estão acontecendo amores, violências, situações trágicas ou engraçadíssimas. E, não se pode esquecer, com uma emoção muito maior e mais intensa provocada por algumas das mais belas músicas compostas ao longo destes quatrocentos anos de ópera. Tanto sucesso, tanta magia, tanta paixão para tanta gente e por tanto tempo, nenhuma outra arte, até agora, realizou. Mas uma parte da mágica ainda está prestes a se realizar.





Reação e Permanência - da obra, como um organismo vivo que acompanha e se altera nos diferentes tempos sociais em que ocorre, vide os títulos que são montados há dois séculos. E do público, perante ao espetáculo.

Assistir à uma ópera é mergulhar em um outro mundo. São histórias antigas e modernas - muitas vezes são histórias antigas tratadas com modernidade. São lugares distantes ou próximos, muitas vezes, lugares imaginários. A beleza da música, sua força impressionante, quando se inclui o elenco que, somando-se à orquestra, coro e solistas, podem chegar a quase duzentas pessoas em um palco, nos propõe outras formas de vermos o mundo e a nós mesmos - esse é o convite de toda grande arte. Essa é a verdadeira grandeza da ópera.

Arte a serviço da transformação

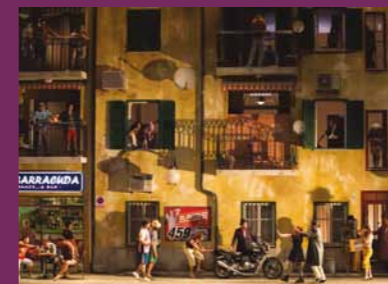
Dentro do teatro imenso, na penumbra de cada lugar, diante da luminosidade do palco e da atuação dos cantores, o público tenta absorver toda informação, tantos detalhes tão belos - e esta é uma palavra sobre a qual é bom discorrer um pouco mais. Porque a beleza nem sempre é bonita - como uma roupa na vitrine, um carro com que se sonha. O belo pode até não ser bonito - algumas belas obras de arte, por exemplo, retratam cenas terríveis, trágicas, violentas. Mas as coisas belas têm o poder que as bonitas não têm: elas nos transformam. Quando lemos um bom livro, assistimos a um filme ou admiramos uma obra de arte, a beleza que ali está nos convida a nos transformar - sem que seja preciso fazer quase nada. Só nos cabe - e esse pouco é quase tudo - permitir que a arte faça a sua mágica e que mostre, dentro de nós, o quanto mais podemos ser.

No grande teatro, a ópera, esta arte tão imensa está sempre nos oferecendo sua beleza e nos convidando a nos transformarmos mais uma vez, e sempre. Ao sair, cada pessoa será diferente do que era ao entrar. Pela paixão, pelo drama, pelo humor.

Parece difícil pensar no que poderia chegar mais perto e interessar mais aos jovens do que ópera.



AÍDA
Teatro Alla Scala
de Milão



**O BARBEIRO
DE SEVILHA**
Ópera de Paris



**OS CAPULETO E OS
MONTÉQUIO**
Teatro La Fenice
de Veneza



A FLAUTA MÁGICA
Festival de
Baden Baden



A NOIVA DO CZAR
Ópera Estatal
de Berlim



**O RAPTO
NO HARÉM**
Ópera de Paris

SELEÇÃO AÇÃO EDUCATIVA





AÍDA

O Egito é um lugar que tem ares de magia. As pirâmides e a **Esfinge**¹⁵, as tumbas com múmias misteriosas que, segundo muitas lendas, poderiam destruir aqueles que descobrissem seus esconderijos de descanso eterno. Os poderes dos faraós e a beleza da Cleópatra, a presença na Bíblia, o período romano. O Egito já foi cenário de incontáveis livros, filmes, seriados, desenhos animados e não poderia, é claro, faltar de uma ópera.

A ópera Aída, um presente para o Egito

Há muito tempo, ainda no século XIX, o Egito era governado pelos chamados **paxás**³³. O país era dominado pelo Império Otomano por meio de um vice-cônsul denominado **Quediva**³⁶. Um deles, Ismail Paxá, queria modernizar o Egito e costumava dizer: “Meu país não mais está na África; agora fazemos parte da Europa”. Foi Paxá quem liderou a construção do Canal de Suez e, para comemorar sua inauguração, em 1869, pensou em encomendar a composição de um hino a um dos maiores e mais famosos compositores da época - o italiano **Giuseppe Verdi**²⁰, que não gostou muito da ideia. Veio, então, uma segunda proposta: por que não construir um teatro e pedir a Verdi uma ópera para inaugurá-lo? Dessa ideia, Verdi gostou e compôs para a ocasião a ópera **Aída**², ambientada no Egito.

A ópera é um grandioso espetáculo

É importante lembrarmos que, naquela época, a ópera era a arte mais popular, de uma forma muito parecida ao cinema de hoje. Seus autores eram famosos e bem-sucedidos como os atuais diretores, cantoras e cantores eram celebridades mimadas e disputadas como as estrelas e os astros de Hollywood. Viajavam o mundo inteiro, ganhavam fortunas e colecionavam fãs apaixonados.

As óperas, como os filmes para cinema, tinham que ser grandes espetáculos. Daí a importância dos “efeitos especiais” que, naquela época, não contavam com computadores e tecnologias como as atuais. Tudo era realizado “ao vivo” e deveria ser preciso, impactante e realista.

No caso de **Aída**, a superprodução surpreendeu pela presença de animais no palco! Em uma cena, o herói Radamés volta vitorioso da guerra e, para homenageá-lo, comemoram com uma Marcha Triunfal. Nela, fizeram - e ainda fazem - desfilarem vários animais como cavalos, camelos, e até elefantes.

Desde então, acontece todo tipo de desastre nestes espetáculos que, às vezes, parece uma espécie de arca de Noé. Camelos que cospem no maestro, elefantes que se recusam a carregar o cantor, e até, cavalos que fazem suas “sujeiras” em pleno palco.

Uma história de amor contada há mais de 100 anos

A ópera **Aída**, desde a sua estreia, tornou-se um sucesso mundial. Verdi escolheu uma história de amor: o general egípcio, Radamés, ama **Aída**, a escrava etíope, e é amado por Amneris, filha do Rei. Ou seja: alguém está sobrando e as coisas, com certeza, vão dar errado. Vale a pena descobrir o que acontecerá!

No filme apresentado no Festival Ópera na Tela, a linda música de Verdi é regida pelo maestro **Zubin Mehta**⁴⁸, e a orquestra e coro do teatro **La Scala**²³, em Milão, estão entre os melhores do mundo. O Radamés, interpretado pelo tenor⁴³ Fabio Sartori, impressiona. Kristin Lewis, como **Aída**, é uma **diva**¹³ com voz de admirável beleza e poder - vale lembrar que, naquela época, não existia **amplificação**³¹!

Título exibido no Festival Ópera na Tela 2015/2016 **AÍDA**

Teatro Alla Scala de Milão

Compositor Giuseppe Verdi

Maestro Zubin Mehta

Direção Peter Stein

Elenco Carlo Colombara, Anita Rachvelishvili, Kristin Lewis, Fabio Sartori

Duração 2h30

Sinopse Radamés reprime a revolta da Etiópia e é premiado com a mão de Amneris, filha do Faraó. Mas ele e Aída, escrava etíope, se amam.

Aída consegue para o pai Amonasro, rei etíope prisioneiro, os planos militares. Amneris descobre e, enciumada, revela a suposta traição. Radamés é condenado à morte e Aída escolhe morrer com seu amor.



O BARBEIRO DE SEVILHA

Heróis são pessoas que, diante do perigo ou em uma situação de fraqueza, demonstram coragem e capacidade de sacrifício. *O Barbeiro de Sevilha* nos conta histórias de vários anti-heróis⁴, em especial do personagem Figaro.

O dono da história

Beaumarchais³⁴ foi genial como dramaturgo, músico, diplomata, editor, inventor, revolucionário, tanto na França como nos Estados Unidos - mas foi também relojoeiro, financista, espião e vendedor de armas. Suas aventuras, viagens e conhecimento da humanidade e do mundo, certamente, alimentaram seu talento literário e seu humor ferino para a criação deste magnífico personagem que é Figaro. Das três peças sobre o anti-herói, duas tornaram-se óperas:

*O Barbeiro de Sevilha*⁵, de Rossini¹⁸, e *As Bodas de Figaro*, de Mozart⁵⁰.

O Barbeiro foi concebido como **teatro musical**⁴¹ e teve muitos problemas legais e políticos relacionados à censura da época - como depois as *Bodas* também teriam. Figaro chegou ao público em 1775, em Paris, e teve uma reação fria da plateia. Mas, ao invés de se sentir derrotado, Beaumarchais compreendeu seus defeitos, fez algumas alterações, e o sucesso consagrador veio, logo a seguir, na terceira apresentação.

Os criadores da música

Na ópera, o *Barbeiro* foi criado, primeiramente, por **Giovanni Paisiello**¹⁹, em 1782, um dos maiores rivais de Rossini¹⁸. Havia críticos¹² “Rossinistas” e “Anti-Rossinistas” que, com suas disputas, atraíram para o compositor as atenções do público, sempre sedento de fofocas. Os que eram a seu favor elogiavam a permanente inovação de sua música; os contrários a Rossini, desconfiavam da sua imensa popularidade, acusando-o de superficial e exagerado. As críticas eram alimentadas pelo reaproveitamento que ele fazia, sem se encabular, de sua própria música.

Quando a ópera de Rossini estreou em Roma, em 1816, com algumas modificações na história, os fãs de Paisiello provocaram uma tempestade que já se anunciava. Houve vaias retumbantes interrompendo várias vezes a ação que, segundo o próprio Rossini, estava desleixada - ele escrevera a ópera em três semanas e os ensaios foram insuficientes. Mas, já no dia seguinte, Rossini teve que voltar cinco ou seis vezes ao palco para agradecer os aplausos. Desde então - e por duzentos anos - *O Barbeiro de Sevilha* permanece como um dos maiores sucessos da história e se tornou padrão de *opera buffa*³¹.

A ópera *O Barbeiro de Sevilha* é salpicada de árias que permitem aos cantores exibir suas técnicas. A mais famosa é o diabolicamente rápido “*Largo al factótum*” de Figaro. Tão populares por tanto tempo elas, no entanto, não são fáceis. A música de Rossini tem, além de lindas melodias, um ritmo vertiginoso.

Reinventar o clássico

Esta filmagem exibida no Festival Ópera na Tela da produção da Opéra Bastille é um primor. O cotidiano dos lotados conjuntos habitacionais, encontrados em toda parte do mundo, parece perfeito para os personagens da ópera: o barbeiro faz-tudo - Figaro; o ambicioso Bartolo; o casal apaixonado da moça simples e do rapaz rico e poderoso - Rosina e Almaviva. A comédia poderia, facilmente, estar fazendo sucesso como novela na televisão!

O mestre Rossini

Aos 37 anos, Rossini tinha o mundo a seus pés. Escrevera quarenta óperas - muitas vezes, três por ano - e de repente se aposentou. Foi morar nos arredores de Paris e dedicou o resto de sua vida a comer e a filosofar sobre música e comida: “Comer, amar, cantar e digerir são os quatro atos da ópera cômica conhecida como vida, e passam como as bolhas de uma garrafa de champanhe. Quem deixá-las quebrar sem desfrutá-las é um completo idiota”.

Beaumarchais, Figaro e Rossini são anti-heróis que nos encantam há duzentos anos. São espertos, empreendedores, preguiçosos, apaixonados, inconformados. Humanos como todos nós!

Título exibido no Festival Ópera na Tela 2015/2016 O BARBEIRO DE SEVILHA

Ópera Nacional de Paris
Compositor Gioacchino Rossini
Maestro Carlo Montanaro
Direção Damiano Michieletto
Elenco René Barbera, Carlo Lepore, Karine Deshayes, Dalibor Jeniš
Duração 2h56

Sinopse O Conde Almaviva corteja Rosina com a ajuda de Figaro, barbeiro e factótum de Sevilha. Dr. Bartolo quer a fortuna de sua “protegida” e a vigia. O barbeiro inventa diversas estratégias para aproximar os dois.

Figaro consegue reunir o casal e frustrar os planos do Dr. Bartolo.



OS CAPULETO E OS MONTÉQUIO

Não há arte que não tenha a sua versão de *Romeu e Julieta*. Cinema e televisão, teatro e dança, canções populares, quadros, esculturas, todos se debruçaram sobre este casal jovem e trágico, que não tendo sido criado por ele, **Shakespeare**⁴⁹ definiu e nos legou. Eles parecem prontos para a ópera: o par de apaixonados, separados pelas brigas sem sentido de suas famílias; o amigo gentil com um esquema engenhoso para reunir os amantes; um simples erro que os leva à morte.

Na tragédia clássica⁴⁵ de Shakespeare ou nas antigas lendas que a inspirou, a história parece ter tudo o que precisa para animar um compositor. E, fiel à forma, inspirou muitas músicas de concerto, incluindo a abertura-fantasia¹ de Tchaikovsky³⁵, o balé de Prokofiev³⁸ e a “Sinfonia Dramática”, de Berlioz²¹.

Mil vezes Romeu e Julieta

Mas quando se trata de ópera, a realidade foi bem diferente - embora não por falta de esforço! Dezenas de compositores aventuraram-se em óperas sobre Romeu e Julieta ao longo de mais de duzentos anos, mas só dois conquistaram as plateias. Uma delas é de Charles Gounod⁸, e a outra, é este drama apresentado aqui, de Vincenzo Bellini⁴⁶ - *Os Capuleto e Os Montéquio*⁷. Neste caso, há muito o que compreender e gostar.

Romeu e Julieta visto por Bellini

Bellini e seu libretista²⁵ Felice Romani¹⁶ - parceiro de seus maiores sucessos, *Norma*³⁰ e *La Sonnambula*²⁴ - certamente não basearam *Os Capuleto e Os Montéquio* na obra-prima de Shakespeare, mas sim, na peça *Giulietta e Romeo*, de Luigi Scevola, de 1818. Aqui, Capuleto - de onde vem Julieta - e Montéquio - a família de Romeu - estão em guerra aberta. Os dois já se amam antes da cortina subir, um dos irmãos de Julieta foi morto por Romeu, em batalha, não há os personagens Páris ou Mercúcio³², como na peça, e Lourenço não é um frade, mas um médico. Os amantes estão ambos vivos e conscientes na cena final, permitindo-lhes cantar um dueto antes de morrer.

A insistente estupidez de Capellio a pedir vingança pela morte de seu filho e o desejo de guerra forjam o eixo do qual se desfiará toda a ação da ópera. Os acontecimentos são velozes, a fúria necessária à tragédia decidida e buscada pelo patriarca dos Capuleto. Somente a morte da filha o lembrará da impossibilidade de fazer seguir a vida em uma trilha de destruição - própria, alheia, total. A música de Bellini é promotora de ação, não de reflexão. Mesmo os momentos entre os amantes apaixonados não são românticos, mas cheios da tragédia que parece inevitável.

Originalidade

O que torna esta ópera incomum para alguns é o fato de que Romeu não é cantado por uma voz masculina, como um tenor⁴³, mas por uma voz feminina de mezzo-soprano²⁷. Antigamente, esta solução não era rara nas artes cênicas, e o papel de Julieta, na peça de Shakespeare, foi frequentemente interpretado por rapazes no *Globe*⁴⁴, teatro onde o autor mais trabalhou.

Bellini escreveu sua ópera, adoentado, e em apenas seis semanas, o que não é tão impressionante como parece. Muitas músicas já tinham sido compostas para uma ópera anterior, chamada *Zaira* - um fracasso que chegou a receber vaias e assobios na estreia. Bellini, como era bastante comum na época, reutilizou uma grande parte do material composto e quando *Os Capuleto e Os Montéquio* foi aclamada, Bellini passou a chamá-la de “A Vingança de *Zaira*.”

Essa belíssima produção apresentada no Festival Ópera na Tela é do teatro *La Fenice*²² - o mesmo onde a ópera estreou na temporada do carnaval veneziano de 1830 - prima pela beleza plástica. A todo tempo, assistimos ao trabalho mecânico, preciso, ruidoso dos técnicos e do pessoal da limpeza. Eles soldam, limpam, carregam, montam e desmontam os elementos cênicos. Até que as cenas se revelam como quadros, os personagens congelados a espera que a ação, que a música, lhes dê existência - vida. A arte é este lugar, ali, ao lado da técnica e do trabalho, tão próximo dos nossos movimentos, da nossa percepção e da nossa maneira de expressar a vida.

Título exibido no Festival Ópera na Tela 2015/2016 OS CAPULETO E OS MONTÉQUIO

Teatro La Fenice de Veneza
Compositor Vincenzo Bellini
Maestro Omer Meir Wellber
Direção Arnaud Bernard
Elenco Rubén Amoretti, Jessica Pratt, Sonia Ganassi, Shalva Mukeria, Luca Dall'Amico
Duração 2h35

Sinopse A ópera foi baseada na peça de Luigi Scevola, e não na obra de Shakespeare.

Romeu quer selar a paz casando-se com Julieta. Mas Capellio, seu pai, quer vingar seu filho morto. Por apoiar a guerra, o aliado Tebaldo, se casará com Julieta.

Uma poção faz Julieta parecer morta. Romeu duela com Tebaldo, mas uma música anuncia o funeral da amada. Romeu toma o veneno. Julieta acorda.



A FLAUTA MÁGICA

A história das histórias

Um príncipe é perseguido por uma estranha serpente e ao ser derrubado, é salvo pelas três damas de companhia da poderosa Rainha da Noite. A rainha conta ao príncipe que sua filha, uma linda princesa, por quem ele logo se apaixona, foi levada por um rei muito mau. Ele se dispõe a salvá-la e contará, para isso, com a ajuda de Papageno, um caçador de passarinhos mentiroso e meio trapalhão. Três meninos indicarão o caminho e eles contarão com os poderes mágicos de uma flauta e de alguns sinos. Mas, ao chegar ao local predestinado, descobrirão que o tal Rei, Sarastro, é, na verdade, o pai da princesa e que a mãe dela, a rainha, é que tem um plano para destruí-lo. Os jovens enfrentarão vários desafios para vencer e conquistar

um lugar apropriado e melhor no mundo que estão descobrindo.

Esta trama não me parece estranha aos jovens. Não são esses desafios da juventude? Descobrir uma posição independente, amadurecer e aprender a amar e a inventar o mundo em que querem viver?

Reis e rainhas, príncipes e princesas, monstros, desafios, florestas e passarinhos. Uma ópera para crianças? Mas o que fazer com disputas e manipulações cruéis entre adultos? De certa forma, crianças e adolescentes já conhecem um bocado de tudo isso dos desenhos animados e vídeo games, dos contos de fadas. Mas em *A Flauta Mágica*, ao lado de todos estes personagens e por dentro de suas tramas, há muito mais do que contos infantis. E quando se trata de crianças e jovens há uma boa regra: é melhor levá-los a sério.

Mozart⁵⁰, mestre e revolucionário

Mozart amava demais *A Flauta Mágica*¹⁷, talvez mais do que qualquer outra de suas óperas, e adorou ver todo o sucesso que ela conquistou. Infelizmente, morreu pouco mais de dois meses após a estreia. Mozart e seu parceiro, Schikanader, estavam certos ao criar uma obra que, sendo tão comunicativa, é cheia de sofisticação artística, não diminuindo – como é tão comum, mesmo nos dias de hoje – a capacidade de entendimento do grande público. Acertaram também ao preferir os riscos do empreendimento ao conforto da música composta para distrair o Imperador e seus seguidores. E tudo isso interessa a todos nós – crianças, jovens e adultos.

Para muitas pessoas, as óperas só tratam de personagens históricos pomposos, histórias complicadas quase incompreensíveis. *A Flauta Mágica* se passa em um lugar e um tempo indefinidos, e mostra rituais estranhos com significados desconhecidos. Apresenta muitos personagens que não parecem saber quem são, onde estão indo ou o que farão quando chegar lá. E não sendo uma história do bem contra o mal, logo, fica difícil dizer qual é qual! Se tudo ali parece louco e confuso, também é muito parecido com a vida. Talvez seja por isso que *A Flauta Mágica* tem sido tão popular por mais de 200 anos.

Os parceiros no ofício da arte

Mozart e seu parceiro Schikanader¹⁴ pareciam compreender bem tudo isso, o que ajuda a explicar o extraordinário sucesso que conquistaram com esta ópera cheia de drama, paixão e humor, como a própria vida.

Os dois eram amigos e planejavam compor em parceria há muitos anos. Schikanader queria “encher as salas e ganhar muito dinheiro”. Mozart acreditava que poderia livrar-se de patrões, como o Arcebispo de Salzburg ou o Imperador da Áustria e viver de bilheterias. Schikanader era dono, desde 1789, do Teatro dos Vienenses⁴², em Wieden, um subúrbio de Viena da época. Lá montava ópera, peças de teatro, tragédias e comédias, onde o forte eram os efeitos especiais e as canções.

Título exibido no Festival Ópera na Tela 2015/2016 A FLAUTA MÁGICA

Festival de Baden Baden

Compositor Wolfgang Amadeus Mozart
Maestro Sir Simon Rattle
Direção Robert Carsen
Filarmônica de Berlim e Coro da Rádio de Berlim
Elenco Ana Durlovski, Dmitry Ivaschenko,
Pavol Breslik Kater Royal, Michael Nagy, Regula Mühlemann, Annick Massis, Magdalena Kožená,
Nathalie Stutzmann, José van Dam.
Duração 2h30

Sinopse Tamino é convencido pela Rainha da Noite que Pamina, sua filha, foi sequestrada por Sarastro. Mas que ele e Papageno, o caçador de passarinhos, devem salvar sua filha. Sinos de prata e uma flauta mágica os protegerão.

A jornada revelará a sabedoria de Sarastro, a força e a fragilidade de cada personagem, derrotando, ao final, os que se uniram apenas pelo poder.



A NOIVA DO CZAR

O compositor, corajoso sonhador

Rimsky-Korsakov²⁸ nasceu a 200 km de distância do mar, mas cresceu apaixonado por ele. Seu irmão Voin, 22 anos mais velho, foi um famoso navegador e explorador, e Rimsky cresceu ouvindo suas histórias de aventuras, de terras distantes e exóticas. Em um mundo onde não havia filmes sobre estes lugares, a imaginação precisava preencher as lacunas que faltava aos livros e às narrativas, e assim, esperar pelo dia em que poderia sair navegando para conhecer novas paisagens e descobrir tantas outras. Ao mesmo tempo, Rimsky adorava música e aprendia piano com sua mãe. A história de Rimsky-Korsakov é a de um menino que realizou seus sonhos com muita dedicação.

Encorajado pelo irmão, Korsakov ingressou na Marinha Imperial Russa, aos 12 anos, para estudar na Escola de Ciências Matemáticas e da Navegação - sem abandonar as aulas de piano. Contar histórias com música foi a paixão que o aproximou do mundo da ópera, onde tornou-se um dos compositores mais importantes da Rússia e do mundo.

Rimsky-Korsakov é mais conhecido do público pelo brilho de suas obras para orquestra - como a consagrada *Scheherazade*⁴⁰, e o famoso *Voo do Besouro*⁴⁷ - um trecho da ópera *O Conto do czar Saltan*⁹. Rimsky-Korsakov é um compositor de óperas experiente, maduro, consistente ao compor *A noiva do Czar*²⁹, a décima das suas dezesseis óperas.

Tradição e Contemporaneidade

A noiva do Czar está marcada por tradições russas que Korsakov conhecia profundamente, desde os coros ortodoxos¹⁰, os modos tradicionais, as canções folclóricas⁶, à riqueza melódica de tantos outros mestres russos. *A noiva do Czar* faz parte do ciclo de óperas de Korsakov criado a partir dos dramas históricos russos; o autor escreveu também títulos sobre temas folclóricos, além de sete óperas baseadas em contos de fadas e lendas da tradição oral russa.

O libreto de *A noiva do Czar* foi escrito pelo próprio Rimsky-Korsakov com Ilya Fiodorovitch Tioumenev baseado na história ocorrida em 1571, quando o primeiro czar¹¹ russo, Ivã IV, conhecido como "o terrível", buscava uma terceira esposa. A escolhida foi Marfa Sobakina, que faleceu 15 dias depois do casamento de forma muito suspeita.

Neste filme exibido no Festival Ópera na Tela não há a guarda do czar, os temidos *oprichiniks*, a tramar conspirações, mas *marqueteiros políticos*²⁶ modernos em estúdios de televisão a inventar um czar manipulado. Ele nada diz, nada nele é verdadeiro, e, assim, a tragédia de Marfa soa ainda mais cruel. Seria possível inventar e manipular um governante virtual, digital, criado pela tecnologia? A resposta a esta pergunta não é tão difícil: não, não seria possível, pelo menos, até agora. Mas esta produção da ópera nos faz uma outra pergunta: o quanto de nossos governantes é uma manipulação, uma invenção de grupos interessados em tirar proveito dos poderes governamentais?

Haverá, certamente, muitas outras questões que o espectador levantará ao assistir à *A noiva do Czar*. É para provocar perguntas, e não dar respostas, que existem as grandes obras de arte.

Título exibido no Festival Ópera na Tela 2015/2016

A NOIVA DO CZAR

Ópera Estatal de Berlim
Compositor Nikolai Rimski-Korsakov
Maestro Daniel Barenboim
Direção e cenário Dmitri Tcherniakov
Elenco Anatoli Kotscherga, Olga Peretyatko, Anita Rachvelishvili, Johannes Martin Kränzle, Tobias Schabel
Duração 2h32

Sinopse Gryaznoy, um nobre da corte do Czar Ivan, quer casar-se com Marfa, filha de Vasily Sobakin, de Novgorod, já prometida a Ivan Likov, um jovem nobre.

Gryaznoy pede uma poção do amor à sua amante, Lyubasha, que lhe entrega uma droga que fará com que sua rival perca a beleza. O Czar Ivan procura uma esposa e escolhe Marfa, que adocece.

Likov e Lyubasha são mortos por Gryaznoy.



Viena para não escrever uma ópera em alemão. Compreendia que a composição não precisaria ser comédia ou drama, poderia reunir as duas, como a vida as reúne em cada um de nós todos os dias. Queria a atenção das plateias e, para isso, o melhor era lançar mão de uma história com uma temática charmosa. *O Rapto no Harém*³⁷ é tudo isso - genialmente.

A arte memória viva dos tempos

Ela é um *singspiel*³⁹, uma forma de teatro musical muito popular na corte vienense daquela época, onde os diálogos são falados, e não cantados como na ópera tradicional - há, até mesmo, dois papéis sem parte cantada. Há cenas hilariantes e outras de cortar o coração. Há instrumentos “turcos” incluídos à orquestra desde a abertura - uma ousadia para a época.

Qualquer jornal de domingo nos mostrará que as frivolidades das cortes atuais são ainda piores. Que há populismo por toda parte - inclusive no entendimento do significado das artes e dos artistas. Que há sempre desafios renovados a serem vencidos. Mas que, como ninguém, como geração nenhuma antes de nós, temos gênios de todo tempo e todo lugar a nos redimir, divertir e animar, em nossos livros, computadores, televisões e em telões.

Como Mozart é para nós.

O RAPTO NO HARÉM

Mozart, um grande artista

Mozart tinha 24 anos quando ficou livre do Arcebispo de Salzburg, seu patrão, e, finalmente, foi instalar-se em Viena, conforme foi contado anteriormente no texto da ópera *A flauta mágica*. Ambicionava o mundo - porque era jovem; queria conquistá-lo - porque era Mozart e sabia que já contava com técnica e experiência para fazê-lo. *O Rapto no Harém* é o resultado dessa alegre ambição. Ao assisti-la, o Imperador Joseph II achou que havia “notas demais”; mas o gênio de Mozart está presente em cada uma - e, como ele respondeu ao imperador - “nem uma, sequer, é demais”.

Mozart não precisava escolher entre a grande arte

e o sucesso popular, simplesmente porque, para ele, uma não excluía a outra. Estava atento ao gosto popular de sua época, aos hábitos e às preferências de cada lugar, mas sabia atender a todos com a técnica mais apurada do mundo em que viveu, com um fluxo de ideias que passava para sua escrita, que virava tinta no papel sem interrupção, sem engano, sem erros a corrigir. Trazia, ao mesmo tempo, a experiência do mundo, da vida teatral e conhecia também a frivolidade das **cortes**, a vulgaridade humana que não esconde sua sede de compreensão e encontro. Começou a conhecer tudo isso ainda menino como ninguém mais.

Por tudo isso, Mozart sabia que era uma tolice a exigência dos administradores dos teatros em

Título exibido no Festival Ópera na Tela 2015/2016

O RAPTO NO HARÉM

Ópera Nacional de Paris

Compositor Wolfgang Amadeus Mozart
Diretor musical Philippe Jordan
Direção Zabou Breitman
Elenco Jürgen Maurer, Erin Morley, Anna Prohaska, Bernard Richter, Paul Schwiener, Lars Woldt
Duração 3h01

Sinopse Belmonte procura a esposa Konstanze e a criada Blonde, aprisionadas pelo Paxá. Com a ajuda de Pedrillo, Belmonte se passa por arquiteto para entrar no palácio guardado por Osmin.

Belmonte e Pedrillo são capturados ao tentarem raptar Konstanze do serralho, mas o Paxá oferece clemência. Tudo termina com os casais navegando para longe. Um grande desgosto para Osmin.

ÍNDICE REMISSIVO

(1) ABERTURA-FANTASIA

Termo criado por Tchaikovsky para caracterizar sua obra *Romeu e Julieta*, inspirada pela peça de mesmo nome. As aberturas têm origem nas óperas onde aparecem como uma peça apenas orquestral, sem canto, no início da obra, muitas vezes apresentando seus temas musicais mais importantes. A palavra fantasia foi usada aqui por Tchaikovsky para demonstrar o caráter livre da peça, sem ambicionar uma forma musical exata. De fato, *Romeu e Julieta* é classificado, tecnicamente, como um poema sinfônico, isto é, uma peça para orquestra sinfônica inspirada em um poema, um romance, uma pintura, uma paisagem ou outro tema não musical.

(2) AÍDA

Personagem principal da ópera de mesmo nome composta por Giuseppe Verdi, com libreto de Antonio Ghislanzoni. Estreou no Cairo, capital do Egito, em 24 de dezembro de 1871 e, desde então, tornou-se um dos maiores sucessos do gênero. Divida em quatro partes - chamadas de atos - a ópera conta a história de Aída que, embora escrava no Egito, é a filha do rei da Etiópia.

(3) AMPLIFICAÇÃO

Técnicas de ampliar, de multiplicar o alcance e a intensidade dos sons. São utilizados diversos equipamentos eletrônicos e digitais muito conhecidos em shows e espetáculos para numerosas plateias em grandes casas de espetáculos, estádios esportivos e espaços públicos.

(4) ANTI-HERÓIS

Nome dos personagens que representam o contrário dos ideais de coragem, bravura e desprendimento dos heróis. Muitos deles são mais populares que os heróis por serem engraçados em sua covardia, fragilidade ou, até mesmo, vilania.

(5) O BARBEIRO DE SEVILHA

Ópera de Gioachino Rossini adaptado da comédia de Pierre-Augustin Beaumarchais com o mesmo nome. Estreada em Roma em 1816, a ópera só alcançou o sucesso depois das primeiras apresentações. Apresentada em dois

atos, ela conta as aventuras do personagem Figaro, um barbeiro esperto e bem humorado capaz de resolver os problemas de todos.

(6) CANÇÕES FOLCLÓRICAS

Gênero musical presente em praticamente todas as culturas, formado por canções conhecidas pela transmissão entre as gerações, sem identificação de seus compositores. A cultura brasileira tem um rico repertório destas canções, que são cantadas para diversos usos, como cantigas de ninar, danças, festas e por trabalhadores de todo tipo, entre outros.

(7) OS CAPULETO E OS MONTÉQUIO

Ópera de Vincenzo Bellini dividida em dois atos com libreto de Felici Romani. A história foi inspirada pela peça *Romeu e Julieta*, de Shakespeare, mas não é uma adaptação dela. A sua estreia ocorreu durante o carnaval de 1830 em Veneza, na Itália. Bellini teve pouco mais de um mês para compô-la, usando ideias musicais de outras óperas criadas por ele.

(8) CHARLES GOUNOD

Nascido em Paris em 1818, o compositor francês Charles Gounod era filho de uma pianista e de um pintor. Sua mãe foi sua primeira professora de música. Gounod se consagrou por suas doze óperas e por sua música religiosa - sua *Ave Maria*, baseada em um prelúdio de um outro compositor, Johann Sebastian Bach, é uma das músicas mais executadas em todo o mundo até hoje.

(9) O CONTO DO CZAR SALTAN

Ópera em quatro atos de Nikolai Rimsky-Korsakov, baseada em poema do mesmo nome de Alexandr Pushkin, o grande poeta russo, e composta em 1899 para a comemoração do seu centenário.

(10) COROS ORTODOXOS

Grupos de cantores tradicionais nas cerimônias religiosas da Igreja Ortodoxa Russa.

(11) CZAR

Título usado durante o Império Russo, entre 1546 e 1917, equivalente ao de imperador no ocidente.

(12) CRÍTICOS

O crítico é um profissional dedicado a formar e a comunicar uma avaliação sobre as obras de diversas formas de artes como a música, o teatro, o cinema, a literatura, a dança, etc. No jornalismo se desenvolveram, ainda, outras formas de crítica dedicadas à moda e à gastronomia.

(13) DIVA

Forma de homenagear as cantoras consagradas por seu talento no mundo da ópera. O termo tem origem na palavra italiana *diva*, que significa *deusa*, e, atualmente, é também utilizada para grandes atrizes do teatro e do cinema, além das cantoras de outros tipos de música além da ópera.

(14) EMANUEL SCHIKINADER

Empresário e autor de teatro, ator, cantor e compositor. Schikinader foi considerado um dos maiores talentos da sua época, tendo sido amigo de Mozart desde a juventude e seu parceiro em a *“Flauta mágica”*.

(15) ESFINGE

Imagem presente na grécia como no egito que representa um leão estendido tendo a cabeça humana, em geral de um faraô. Como as pirâmides, as esfinges egípcias representam poder. Elas também podem ter o mesmo corpo de leão mas a cabeça de falcão. A esfinge de Gizé é a maior e a mais famosa, e tem esse nome por ficar no planalto de Gizé, a oeste do Rio Nilo, no Egito.

(16) FELICE ROMANI

Poeta italiano reconhecido pela qualidade dos libretos que escreveu para grandes compositores de ópera como Bellini e Verdi.

(17) A FLAUTA MÁGICA

Ópera em dois atos de Wolfgang Amadeus Mozart, com libreto de Emanuel Schikinader. A obra foi um sucesso desde a sua estreia em Viena, em 1791, que foi regida pelo próprio Mozart que a considerava a sua predileta. O compositor faleceu pouco depois aos 36 anos de idade.

(18) GIOACHINO ROSSINI

Compositor de 39 óperas - além de música religiosa -, Rossini nasceu de uma família de músicos em 1792 na cidade de Pesaro, na Itália. Sua formação começou ainda cedo pelo piano e aos 10 anos ele se destacava cantando no coro da igreja. Na mesma época já compunha música para violinos e outros instrumentos de cordas. Aprendeu também a tocar trompa com seu pai e sua primeira ópera foi composta quando Rossini tinha 13 anos.

Seus primeiros sucessos aconteceram muito cedo e ao ser consagrado com *“O barbeiro de Sevilha”* Rossini tinha 23 anos de idade. Mas depois de anos de trabalho excessivo, de viagens intermináveis, Rossini decidiu aposentar-se aos 37 anos. Possuindo uma imensa fortuna, passou a dedicar-se a aproveitar a vida comendo e bebendo o que houvesse de melhor e a inventar receitas.

(19) GIOVANNI PAISIELLO

Compositor italiano nascido em 1740. Desde menino apresentou um grande talento para o canto, sendo enviado para estudar em Nápoles. Lá, iniciou seus primeiros trabalhos como compositor, alcançando grande popularidade. Foi rival de Rossini por ter escrito, anos antes, uma outra ópera sobre *“O barbeiro de Sevilha”*.

(20) GIUSEPPE VERDI

Compositor italiano de óperas nascido em 10 de outubro de 1813 e falecido em 27 de janeiro de 1901. Foi consagrado ainda em vida e até hoje é o compositor de óperas mais popular em todo o mundo. Tornou-se um herói para os italianos ao apoiar o chamado *Resorgimento*, movimento que lutava pela unificação de todos os territórios da Itália em um só país.

(21) HECTOR BERLIOZ

Compositor francês nascido em 1803. Estudou profundamente as técnicas de usar os instrumentos da orquestra, desenvolvendo o que se conhece como orquestração. Seus conhecimentos lhe permitiram compor obras para conjuntos gigantescos; seus concertos costumavam reunir até mais de mil músicos.

Suas obras musicais - mas também seu trabalho literário - influenciaram muitos compositores e continuam a ser executadas e admiradas até os dias de hoje.

(22) LA FENICE

O La Fenice é um dos mais tradicionais teatros de ópera do mundo e um marco na história desta arte. Algumas das mais importantes estreias de óperas aconteceram ali, especialmente ao longo do século XIX. Seu nome significa “a fênix”, o pássaro que, segundo a lenda, sempre renascia das cinzas. De fato, o teatro já foi destruído por incêndios três vezes e sempre reconstruído - em 1774, em 1836 e em 1996.

(23) LA SCALA

Nome abreviado do Teatro Alla Scala, em Milão, Itália, um dos principais centros internacionais de ópera. Inaugurado em 1778, o teatro foi palco das maiores estrelas desde aquela época e da estreia de muitas óperas de autores consagrados, inclusive do brasileiro Carlos Gomes, um dos maiores compositores da sua época. O teatro é considerado um símbolo da cidade de Milão e adorado por seus moradores.

(24) LA SONNAMBULA

Em português “a sonâmbula”, é uma ópera em dois atos de Vincenzo Bellini, com libreto de Felice Romani.

(25) LIBRETISTA

O texto usado para compor uma ópera - e algumas outras formas de música - é chamado de libreto, uma palavra de origem italiana que quer dizer “livrinho”. O libreto pode ser uma história original ou uma adaptação de um livro ou de uma peça de teatro de maneira muito similar aos atuais roteiros de cinema. O autor dos libretos é chamado de libretista.

(26) MARQUETEIROS POLÍTICOS

Profissionais da propaganda contratados pelas campanhas de candidatos políticos a diversos cargos, responsáveis pelas suas estratégias de comunicação. Eles têm sido criticados por distorcer os dados e a realidade, criando candidatos irreais.

(27) MEZZO-SOPRANO

O mezzo-soprano - em português “meio-soprano” é a classificação das vozes femininas médias. O soprano é a voz feminina mais aguda - capaz de cantar as notas mais “altas” da escala musical. A voz feminina mais grave é chamada de contralto.

(28) NIKOLAI RIMSKY-KORSAKOV

Compositor russo nascido em 1844, consagrado por suas óperas e obras escritas para orquestras sinfônicas. Foi também um dos mais importantes professores de música do século XIX.

(29) A NOIVA DO CZAR

Ópera em quatro atos de Rimsky-Kosakov, baseada na peça de mesmo nome. Apesar de fazer parte do repertório dos teatros russos desde sua estreia em 1899, a ópera só tem sido apresentada nos países do ocidente mais recentemente, conquistando enorme sucesso.

(30) NORMA

Personagem principal que dá nome à ópera em dois atos de Vincenzo Bellini com libreto de Felice Romani. A obra é considerada um exemplo de *bel canto* e, depois de uma estreia decepcionante, conquistou um sucesso extraordinário.

(31) OPERA BUFFA

Gênero de ópera cômica desenvolvida principalmente em Nápoles na primeira metade do século XVIII. O termo era inicialmente usado para as diversas formas de comédia em ópera, mas foi em seguida caracterizado pelos temas relacionados ao cotidiano, dialetos locais, uma escrita vocal simples e o destaque para os papéis de cantores com voz de baixo que ficaram conhecidos como *basso buffo*.

(32) PÁRIS E MERCÚCIO (PERSONAGENS DE ROMEU E JULIETA)

Páris e Mercúcio são personagens da peça *Romeu e Julieta* e da ópera *Os Capuleto e os Montechio*, de Shakeaspeare. Páris é um pretendente de Julieta e Mercúcio, um dos melhores amigos de Romeu.

(33) PAXÁ

Título dado a várias autoridades em diversos lugares, e que corresponde ao “excelência” usado nos países ocidentais, ou ao de “lorde”, na Inglaterra. Eram chamados de paxás os governadores das províncias durante o Império Otomano, além dos generais.

(34) PIERRE-AUGUSTIN CARON BEUMARCHAIS

Relojeiro, inventor, músico, diplomata, espião, editor, financista e revolucionário,

Beaumarchais entrou para a história como escritor de peças de teatro adoradas pelo público. Seus maiores sucessos foram as peças que tiveram Figaro como personagem principal - “*O barbeiro de Sevilha*” e “*As bodas de Figaro*” -, e que também foram consagradas como óperas pelos compositores Gioachino Rossini e Wolfgang Amadeus Mozart, respectivamente.

(35) PYOTR ILYICH TCHAIKOVSKY

Nascido em 1840, Tchaikovsky foi o primeiro compositor russo a impressionar o resto do mundo, tornando-se um dos mais populares entre os do repertório chamado de clássico. Também foi um regente consagrado tendo se apresentado por toda a Europa e nos Estados Unidos.

Sua obra é reconhecida tanto por suas óperas e sinfonias, como pelos balés como *Lago dos Cisnes*, *Quebra-Nozes* e *a Bela Adormecida*.

(36) QUEDIVA

Título dado pelo Império Otomano ao Paxá do Egito. Foi o Quediva do Egito, Ismaíl Pasha que encomendou a Verdi a ópera *Aida*.

(37) O RAPTO NO HARÉM

Ópera de Mozart em três atos, estreada em Viena em 1781, encomendada ao compositor pela *Nationalsingspiel*, uma companhia de ópera criada pelo imperador Joseph II, da Áustria, com o objetivo de criar repertórios cantados em alemão.

(38) SERGEI PROKOFIEV

Prokofiev foi um compositor, pianista e regente russo nascido em 1891. Escreveu reconhecidas obras-primas, sendo aclamado como um dos mais importantes compositores do século XX.

Sua liberdade criativa colocou-o em confronto quase permanente com o Estado Soviético, causando diversas perseguições a ele e a sua família. Prokofiev manteve-se sempre como um artista livre.

(39) SINGSPIEL

Forma de teatro musical de língua alemã muito tradicional e muito popular. Ao contrário da ópera, seus diálogos são falados, não cantados. Os temas são em geral cômicos ou românticos.

(40) SCHEHERAZADE

Rainha lendária e principal personagem de “*Mil e uma noites*”, a coleção de estórias do Oriente Médio e da Ásia. Inspirado por ela, Rimsky-Korsakov escreveu o poema sinfônico com o mesmo nome em 1889, que se tornou conhecido em todo o mundo e o seu trabalho mais popular.

(41) TEATRO MUSICAL

Forma teatral que, ao longo do texto, apresenta vários números musicais e de dança, especialmente as canções. Ele se desenvolveu em diversos lugares do mundo tanto como drama quanto como comédia, alcançando a maior popularidade internacional como o que ficou conhecido como “*musical da Broadway*”. Este formato, o “musical”, faz atualmente grande sucesso no Brasil em títulos criados por autores e compositores brasileiros.

(42) TEATRO DOS VIENENSES

Localizado em Wieden, em Viena, na Áustria, o teatro foi dirigido por Emanuel Schikinder que soube compreender o gosto popular, criando sucessos para multidões de espectadores.

(43) TENOR

O tenor é a classificação das vozes masculinas mais agudas - aquelas capazes de cantar as notas mais “altas” da escala musical. A voz masculina média é chamada de barítono e a voz mais grave é chamada de baixo.

(44) THE GLOBE

Localizado em Londres, na Inglaterra, o Globe é um teatro construído em 1599 pela Companhia de Teatro de William Shakespeare. O teatro foi destruído por um incêndio em junho de 1613, reconstruído no ano seguinte e fechado em 1642. Foi feita uma reconstrução moderna do Globe, inaugurada em 1997, a 250 metros de distância do teatro original.

(45) TRAGÉDIA CLÁSSICA

Forma de drama de origem pouco conhecida, mas certamente derivada da Grécia antiga. Suas características principais são a seriedade e a dignidade.

(46) VICENZO BELLINI

Nascido em 3 de novembro de 1801, o compositor italiano dedicou-se quase exclusivamente à ópera. Sua obra é

reconhecida pela beleza suave e como um exemplo do chamado *bel canto* - ou canto bonito. Bellini conquistou um grande sucesso mas morreu muito moço, aos 36 anos.

(47) VOO DO BESOURO

Trecho da ópera *O conto do Czar Saltan*, de Rimsky-Korsakov, a peça tornou-se popular por imitar o ruído característico do voo de um besouro, exigindo grande técnica musical para a sua interpretação.

(48) ZUBIN MEHTA

Maestro indiano nascido em 1936 em Bombaim. Seu pai era violinista e maestro fundador da orquestra sinfônica daquela cidade. Um dos mais importantes regentes dos últimos 50 anos, Mehta foi diretor das Orquestras de Montreal, no Canadá, Los Angeles e Nova Iorque, nos Estados Unidos, e Munique, na Alemanha. Atualmente, ele é diretor musical vitalício da Filarmônica de Israel, regente principal da Ópera de Valência, na Espanha e do Festival do Maio Musical, em Florença, Itália.

(49) WILLIAM SHAKESPEARE

Poeta, ator, autor e homem de teatro, Shakespeare é considerado o maior escritor em língua inglesa de todos os tempos e um dos maiores gênios da humanidade. Suas obras foram traduzidas para praticamente todas as línguas vivas e continuam a encantar as plateias de todas as idades em todos os lugares.

Foi mestre tanto na comédia como nos dramas e tragédias e muitas óperas foram escritas baseadas em suas peças ao longo de três séculos, sendo Giuseppe Verdi o compositor que mais títulos compôs e maior sucesso alcançou com obras inspiradas no grande escritor.

(50) WOLFGANG AMADEUS MOZART

Mozart foi um compositor austríaco e é considerado um dos maiores gênios de todas as artes em todos os tempos. Sua imensa capacidade musical foi demonstrada desde a infância: Mozart se apresentava em toda a Europa tocando violino e cravo aos 4 anos de idade e começou a compor aos 5. Compôs mais de 600 obras em praticamente todos os gêneros musicais.



Patrocínio



Apoio cultural



Apoio

Apoio



Promoção



Realização





Patrocínio Master



4º
5

CULTURA
PRESENTE!



SOFITEL
LUXURY HOTELS

Patrocínio



Co-Patrocínio



Apoio Cultural



Apoio



Realização



Ministério da
Cultura

